

Programa institucional de bolsa de iniciação à docência – filosofia/ufsm: dispositivo de práticas docentes

Tatiana de Mello Ribeiro¹⁹

Elisete M. Tomazetti²⁰

Resumo

O presente artigo visa socializar e discutir os resultados da pesquisa de mestrado, realizada no ano de 2012, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS, na qual se investigou, através de entrevistas com bolsistas/formandos do curso de Licenciatura em Filosofia da UFSM, o movimento produzido pelo Programa de Ensino Pesquisa e Extensão do Governo Federal, chamado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), objetivando, assim, compreender como o referido Programa constituiu-se em dispositivo produtor de práticas discursivas acerca do ensino de Filosofia. O intuito é apresentar como os entrevistados concebem o PIBID-Filosofia e as narrativas acerca de suas práticas teóricas, ou seja, suas concepções de Filosofia e de seu ensinar.

Palavras-chave: PIBID-Filosofia, Dispositivo, Práticas docentes.

Considerações Iniciais

Este artigo é fruto da Dissertação de Mestrado de mesmo título, defendida em abril de 2012, pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Esta teve como tema o Ensino da Filosofia e justificou-se pelo exercício que Michel Foucault, a partir de Kant, sugere: uma *ontologia do presente*, a saber:

É uma crítica de nós mesmos, não como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é necessário concebê-la como uma atitude, um éthos, uma vida filosófica ou a crítica daquilo que nós somos é, simultaneamente, análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível (FOUCAULT, 1994, p.1396).

Assim, ao realizar este estudo procuramos inscrever numa *ontologia do presente* os problemas cotidianos das práticas docentes em Filosofia como problemas filosóficos, tentando pensar as questões que são deste tempo e isso significa pensar “o que é que, no

¹⁹Licenciada em Filosofia pela UFSM/RS e Mestra em Educação pela mesma instituição. E-mail: tatianaribeiro.07@gmail.com.

²⁰Professora do PPGE, UFSM e orientadora da dissertação. E-mail: elisetem2@gmail.com

presente, faz sentido atualmente para uma reflexão filosófica”. (FOUCAULT, 1994, p.1499).

Na pesquisa consideramos o PIBID-Filosofia/UFSM como dispositivo de práticas docentes pelo *movimento* que promoveu e caracterizando-se por aquilo que se apresenta enquanto novidade e, talvez, como criatividade. Tais características apareceram nos discursos dos bolsistas entrevistados numa lógica binária, privilegiando “o antes e o depois” da inserção do PIBID no curso de Licenciatura em Filosofia. Entretanto, procuramos não valorizar tal apresentação dialética, de forma a destacar as linhas que demarcaram e caracterizaram o *novo* no Ensino da Filosofia.

Articuladas, pois, com essa problemática, apresentamos, a seguir, as questões que nortearam nossa investigação:

- Considerando as especificidades do processo de institucionalização e desenvolvimento da Filosofia na Educação Superior brasileira e, especificamente, dos Cursos de Licenciatura, como o PIBID-Filosofia/UFSM constitui-se em dispositivo de práticas docentes?
- A partir da noção de que o exercício das práticas docentes requer concepções de Filosofia e do seu ensino, como essas se configuram por meio do PIBID-Filosofia/UFSM?
- Diante do fato que o PIBID-Filosofia/UFSM propõe o ensino de Filosofia através do Cinema, do Teatro, além da Leitura e Escrita Filosófica, como podemos caracterizar tal proposta, quanto aos processos de experiência e subjetivação?
- Se o PIBID-Filosofia/UFSM é reconhecido como dispositivo de práticas docentes, como essas se efetivam enquanto exercícios de pensamento e, assim, possibilidades de resistência ao ensino 'bacharelizado' da Filosofia?

Ao longo da pesquisa foram entrevistados seis bolsistas/formandos do curso de Filosofia. Esta opção justificou-se pelo fato de os entrevistados já terem passado por todo o processo formativo, experienciando tanto o espaço universitário como o escolar, na qualidade de estagiários e também de bolsistas do PIBID. O estudo foi dividido em dois capítulos, o primeiro, intitulado *Aproximações e Encontros: A formação docente em Filosofia* aborda em seu primeiro item a formação docente em Filosofia, tendo como inspiração o pensamento de Michel Foucault e de Gilles Deleuze, com intuito de traçar uma contextualização da época que nos situamos e, assim, em linhas gerais, explicitar o contexto social no qual se insere esta pesquisa acerca do Ensino da Filosofia no âmbito do Ensino Superior, no que se refere à formação de docentes para atuar no Ensino Médio.

Primeiramente, procuramos traçar uma contextualização de nossa época e de suas mais evidentes transformações, especialmente, naquilo que nos outorga o título de modernos ou herdeiros da modernidade, iniciada no século XV e que se estende até meados do século passado.

Caracterizamos a *sociedade disciplinar* que nasce coincidentemente com as grandes mudanças nos regimes político-estatais e na esfera da produção capitalística, amplamente desenvolvidas no mundo dos séculos XVIII e XIX. Essa sociedade é posta em funcionamento no sentido de disciplinar os corpos para assim torná-los mais úteis e produtivos, apoiado num objetivo econômico (não desvinculado, por óbvio de um objetivo político), ou seja, foi instaurado um projeto de transformação dos indivíduos visando determinados fins – sua docilização e sua dominação.

A *sociedade de controle* é apresentada minuciosamente, apesar de ser um texto curto, por Deleuze (2010), em *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, que está distribuído em três partes, a saber: *histórico, lógica e programa*. No referido texto, o autor explicita o refinamento dos mecanismos de poder a serviço do controle. De um lado, o controle agora se dá pela fluidez dos métodos, pela alienação sem muros, pela manipulação/criação da informação, pela fabricação e acesso dos desejos. O que importa agora não é o que se consome, mas o consumir. Por outro lado, o refinamento dos métodos faz com que se simule certa liberdade. Estabelece-se a espetacularização da vida cotidiana, cujo monitoramento constante e o alto poder tecnológico, remetem a uma falsa tranquilidade com a promessa/venda de segurança. Na *sociedade de disciplina*, o inimigo possuía nome e endereço, sabíamos a quem combater e de onde advinha o poder; mas também sabíamos como buscar formas de oferecer resistência. Todavia, acerca da sociedade disciplinar e de controle, não “se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (DELEUZE, 2010, p.224).

Os saberes filosóficos são caracterizados historicamente pela possibilidade de emancipação, criticidade e busca pela autonomia individual e, porque não, coletiva. Porém, o quadro descrito nos fez questionar se tais saberes, em tempos pós modernos, tomam para si o compromisso ao questionamento daquela realidade ou, se ao contrário, estão a serviço da referida disciplina e controle.

No segundo item, ainda do primeiro capítulo, chamado *Da institucionalização e desenvolvimento da Filosofia no Ensino Superior*, apresentamos problematizações centradas na formação docente em Filosofia no Brasil (Pareceres do Conselho Nacional de Educação; Leis e resoluções) e, especialmente, aquelas que se referiam às mudanças curriculares ocorridas nos anos 1988 e 2003 respectivamente, no Curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), considerando sua inscrição na história dos cursos de Filosofia no Brasil que se inicia, no espaço universitário, na década de 1930 do século XX. Essa empreitada fez-se necessária para identificar as concepções acerca da Filosofia e de seu ensino que alicerçam a formação docente no curso de Filosofia da UFSM.

Além de tais documentos, o texto foi construído com as considerações realizadas a partir das entrevistas com os acadêmicos/estagiários, do Curso de Filosofia, que exerceram atividades de bolsistas durante os anos de 2010-2011. Pretendemos com isso, considerando as questões recomendadas pelos documentos *regulatórios* dos cursos superiores de formação

docente em Filosofia, fazer o exercício de colocá-las em evidência no que era enunciado pelos sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos entrevistados referiram-se de forma insistente à “separação” entre disciplinas “teóricas” (históricas, propedêuticas, Filosofia teórica e Filosofia prática) e disciplinas didático-pedagógicas. Sobressai-se, dessa maneira, a demarcação que “cria” dois cursos: um que privilegia o ensino da História e dos Temas da Filosofia e, outro que teria como objetivo a formação do docente de Filosofia. Aqui, tal demarcação, também é temporal. Quer dizer: por mais que desde o primeiro semestre letivo do curso de licenciatura em Filosofia, ocorra o contato dos estudantes com as disciplinas: Políticas Públicas e Gestão na Educação Básica, Psicologia da Educação e Fundamentos da Educação Especial, os entrevistados reconhecem que estas são disciplinas marginais ao núcleo histórico-propedêutico do curso. Nesse caso, o fato de estar num curso de formação docente em Filosofia resume-se a estudar a *Filosofia*, sem preocupações com a docência, com a escola, por exemplo, nos primeiros semestres do curso. Os estudantes reconhecem que o curso de Filosofia só passa a ocupar-se das questões de ensino a partir do contato com as disciplinas que tratam mais especificamente das questões do Ensino da Filosofia.

O segundo capítulo intitulado *O dispositivo PIBID e as práticas docentes em filosofia* também foi dividido em dois itens, sendo o primeiro, *Da institucionalização e do desenvolvimento do ensino menor em Filosofia* considerando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Filosofia/UFSM como movimento e instauração do *novo* no tocante às práticas docentes de Filosofia. Especificamente, analisei o funcionamento do Programa, como suas justificativas e seus objetivos. Amparada pelas ideias de Foucault e Deleuze acerca da noção de *dispositivo*, procurei pensá-lo nas relações de saberes e poderes envolvidos no desenvolvimento do PIBID-Filosofia/UFSM, especialmente, por meio dos enunciados “apreendidos” nos discursos dos bolsistas entrevistados.

Para Foucault, o dispositivo inscreve-se “em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2010a, p.139-140).

Numa entrevista acerca da *História da Sexualidade*, quando solicitado a explicitar o *sentido da função metodológica do termo dispositivo*, Foucault apresenta três elementos, dos quais, resalto aqui o primeiro: “dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2010a, p. 244).

Compartilhando dessa definição, nos perguntamos: Que elementos vieram a constituir o PIBID-Filosofia/UFSM enquanto dispositivo? Por certo é uma política de governo, expressa por um conjunto jurídico, como o próprio decreto de criação do programa e os editais lançados periodicamente, os quais estão relacionados, ao que parece de forma indireta.

Constitui-se, assim, todo um arcabouço político-legal que está amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nas Diretrizes Nacionais para Cursos de Formação de Professores. Salientamos, também, aquelas instituições que estão diretamente envolvidas, o Ministério da Educação e o Ministério de Ciência e Tecnologia, assim como seus “braços”, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e as próprias instituições a quem se destina tal política, as universidades e faculdades.

Ao ser concebido como uma política de governo, conforme indicado acima, o PIBID poderia ser pensado apenas como a operacionalização de uma política pública no âmbito dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior. No entanto, nos propusemos a pensar o PIBID-Filosofia/UFSM como um vetor ou tensor de movimento que, conforme Deleuze, permite concebê-lo como um conjunto composto de várias linhas, de diferentes naturezas, que não demarcam um bloco homogêneo. Ao contrário, por seguirem direções que não necessariamente coincidam entre si, “formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras” (DELEUZE, 1990, p.155). Cada uma das linhas, por seu turno, igualmente,

está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores (DELEUZE, 1990, p.155).

Por óbvio, que o PIBID-Filosofia/UFSM enquanto um dispositivo traz em si linhas de sedimentação, todavia lhe é inerente dispor de linhas de *fissura*, por isso promovemos o exercício de “instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal” (DELEUZE, 1990, p.155).

Por um prisma de análise, quando visa fomentar a iniciação à docência de acadêmicos matriculados em cursos superiores de formação de professores, o Decreto 6.316/07, expressa determinadas funções e objetivos, os quais são justificados pela necessidade de incentivar e valorizar as licenciaturas, por meio do financiamento de bolsas. Porém, se caracterizarmos o PIBID-Filosofia/UFSM como um *conjunto de elementos heterogêneos*, leis, instituições, etc., igualmente, devemos identificar que o mesmo possibilita a emergência e o desenvolvimento de outras experiências, mesmo que afinadas com os objetivos primeiros. Quer dizer, apesar de estar 'determinado' enquanto um objetivo do referido Decreto, ao pretender “elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica” (BRASIL, 2007, p.02), vislumbra-se a abertura para outras dinâmicas, as quais se apresentam como forma de resistência ao ensino *tradicional*. Por exemplo, no PIBID-Filosofia/UFSM, foi facultado e estimulado que cada bolsista tomasse o Ensino da Filosofia como um problema filosófico e,

ao mesmo tempo, se colocasse no movimento de planejar a executar atividades nas escolas, como oficinas e construção de material didático. Assim, consideramos que é no trato de problemas e de suas possíveis soluções que o PIBID Filosofia/UFSM produziu diferença nas práticas formativas de futuros docentes de Filosofia.

Foi recorrente nos enunciados expressos pelos bolsistas, em diversos momentos de cada entrevista realizada, a ênfase em demarcar as mudanças que a participação no projeto lhes proporcionou. Em alguns casos foram taxativos em afirmar o “antes” e o “depois” do PIBID-Filosofia/UFSM em seus processos formativos.

Assim, passamos a exemplificar, a partir dos enunciados, o aspecto do *novo propiciado pelo PIBID*: as práticas no Estágio Curricular Supervisionado, considerando o pouco tempo de prática efetiva em sala de aula na condição de docente e nas demais disciplinas do curso de Filosofia. Esse *novo* também se manifestou nas representações acerca de um curso de licenciatura no conjunto da universidade, pois os estudantes entrevistados problematizaram a importância do PIBID na permanência dos discentes no curso, uma vez que estimulou seu envolvimento com as questões específicas da formação docente. A caracterização do curso de Filosofia como curso de bacharelado apareceu, então, como sendo abalada com o PIBID foram abertos espaços para a efetivação de pesquisa sobre o Ensino da Filosofia e intensificados o contato com o território da Escola Básica.

Assim como os bolsistas perceberam e descreveram o movimento produzido pelo PIBID. Filosofia/UFSM dentro do próprio curso, da mesma forma observaram mudanças ocorridas nas escolas parceiras do programa, evidenciando suas linhas de enunciação, visibilidade e de força que colocaram em funcionamento o *novo* exportado da universidade. Dessa forma, em seus discursos os estudantes entrevistados destacaram a importância de antecipar seu contato com as escolas e com o ofício docente. É preciso salientar, no entanto, que nas disciplinas Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia e Didática da Filosofia esse contato já ocorria através da realização de observações e de oficinas. Com o PIBID, porém, o tempo era muito maior para a realização das atividades propostas e os bolsistas manifestaram sua sensação de liberdade para experimentação com caráter de *novo*. Não ficavam, dessa forma, enquadrados na rotina diminuta de aulas semanais e puderam apreender as percepções acerca dos saberes filosóficos dos agentes escolares. Produziram na escola uma alteração nas relações de força que compõem o seu cotidiano, estando, por exemplo, em outros espaços da escola que não o enquadramento da sala de aula.

Por fim, outro elemento abordado como diferencial e bastante valorizado pelos bolsistas entrevistados sobre a presença do PIBID-Filosofia, foi a possibilidade de financiamento e incentivo dos bolsistas a participarem de congressos e eventos da área. Nos seus dois anos de existência esse programa proporcionou o debate, a troca, e experimentação por outros olhares e vieses sobre o Ensino da Filosofia. No ano de 2010, com seus financeiros o PIBID-Filosofia trouxe para seminários e minicursos autores considerados referência na área, fato inexistente até então no curso de Filosofia.

Assim, por todos esses elementos acima destacados, a partir das entrevistas realizadas, consideramos justificada a consideração do PIBID-Filosofia/UFSM como *dispositivo*, ou seja, aquilo que coloca em funcionamento práticas docentes com características de novidade e criatividade. O que produz movimento, que produz uma mudança, que deixa rastros e faz outra coisa da coisa dada, da prática *comum*. O que provoca o experimento, que testa, que pergunta, que mapeia, que propõe e que permite o erro, buscando o acerto.

Ainda no segundo capítulo, discutimos os processos de *experienciação* e *subjetivação* que o *movimento* do PIBID instaurou no curso de Filosofia/UFSM, a partir das práticas desenvolvidas, as quais demarcaram uma concepção de Filosofia e de seu ensinar, no item de nome *Concepções de Filosofia e do ensinar: entre experienciação e subjetivação*. Para tanto, nos detivemos em analisar as práticas que os bolsistas realizaram, adotando ferramentas específicas para o Ensino da Filosofia.

Apresentemos as práticas desenvolvidas nas escolas participantes, consideradas como ferramentas para o Ensino da Filosofia, a saber: a produção cinematográfica, a expressão teatral e a própria leitura e escrita filosófica. Buscamos compreender se e como o PIBID-Filosofia/UFSM constituiu abertura, fissuras, ranhuras, vazamentos, ramificações, enfim, possibilidades para um ensino *menor* da Filosofia.

Os aspectos que se destacaram, na leitura do PIBID-Filosofia/UFSM como dispositivo de práticas docentes e configurando-se como movimento, podem ser resumidos nos seguintes enunciados: a evolução enquanto estudante, a valorização e não separação entre ser pesquisador e estudante de um curso de licenciatura, a legitimação dos cursos de formação de professores propiciando o questionamento e a valorização do Ensino da Filosofia, a possibilidade de inserção efetiva e antecipada na escola. O PIBID foi considerado pelos estudantes o apoio ao tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão. A experiência e o conhecimento possibilitaram, de forma diferenciada, o acesso ao espaço escolar antes do Estágio Curricular Supervisionado.

Por fim, relacionamos os enunciados que compuseram os discursos dos bolsistas entrevistados com a concepção de Filosofia como atividade de pensamento, em sintonia com as considerações de autores que sustentam tal perspectiva. Identificamos, assim, o que emergiu nos enunciados dos entrevistados como práticas de resistência, às quais, unicamente, priorizavam o ensino de temas e autores da História da Filosofia em detrimento do processo do filosofar, objetivo final daqueles estudantes.

Considerações finais

Nosso estudo procurou, então, mapear as possibilidades e os limites de um Programa como o PIBID, que adentrou os muros de uma instituição que, historicamente, foi cobrada pela sua não aproximação com a comunidade escolar. E apreendemos que o PIBID-Filosofia/UFSM vem superando esse afastamento, pois tem feito o trabalho de mapear os

interesses dos alunos do Ensino Médio, levando em conta suas demandas, suas carências e suas sugestões. Ao mesmo tempo, se dedica não só a questionar o que tem sido desenvolvido como regra sobre o Ensino da Filosofia na Universidade, mas a propor novas estratégias, ferramentas e, por isso, possibilidades para esse ensino na escola. Promove, assim, lentamente, uma ruptura com um ensino pautado na reprodução de conteúdos, procurando superar a lógica do *professor explicador* (RANCIÈRE, 2007) e abrindo espaço à experiência e à produção de conhecimento de forma coletiva.

Pode-se dizer que o PIBID-Filosofia esbarrou em algumas dificuldades, sendo a primeira delas a novidade da experiência e, por isso, o exercício do aprender fazendo e do errar para acertar. Outra dificuldade foi a vivência do trabalho em grande grupo, em um ambiente muito mais acostumado ao trabalho individual. Esse fator gerou problemas que permaneceram ao longo do período e talvez, aqui, se inscreva a única crítica ao desenvolvimento do Programa. Melhor explicando: o exercício coletivo, a importância da manifestação de todos os bolsistas acerca de ideias, propostas e planejamentos, supondo sempre sua liberdade, exigiu muito esforço da coordenação para, ao final, aliar liberdade e responsabilidade. Desgaste e tensionamento constantes da coordenação, mas que encaminharam para uma aprendizagem necessária que se consolidou. Por fim destacamos os limites e as possibilidades deste Programa, com as especificidades do PIBID-Filosofia/UFSM e do papel desempenhado por todos os sujeitos nele envolvidos. Entendemos que todos os participantes são sujeitos da ordem discursiva que ali se inscreveu, nos constituindo, mas que também foi por nós constituída, enquanto agentes naquele meio. Portanto, para o bem ou para o mal somos todos atravessados pela rede de saberes e poderes ali presentes. Dessa forma, encerramos esse texto com uma citação que descreve o esforço observado ao longo da pesquisa sobre PIBID.Filosofia/UFSM: “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (FOUCAULT, 1998, p.13).

Submetido em março de 2014.

Aprovado para publicação em abril de 2014.

REFERENCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.316, de 20 de dezembro de 2007: aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e da outras providências. **Diário oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 21 dez. 2007. Seção 1, p.5.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010. p.223-230.

_____. O que é um dispositivo. In: _____. **Michel Foucault, filósofo**. Trad. de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p.155-161.

FOUCAULT, M. O que é o iluminismo? In: DEFERT, Daniel; EDWARD, François (Orgs.) **Ditos e escritos II: 1976-1988**. Paris: Gallimard, 1994c.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998

_____. **Microfísica do poder**. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010a.

RANCIÈRE, J. **O Mestre ignorante**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.